



A educação não-formal no ensino da agroecologia para as infâncias: a arte-educação como ferramenta educacional do projeto Curupira do CTA-ZM
Non-formal education for teaching agroecology for children: Art education as a teaching tool for the Curupira project of CTA-ZM

SANTOS, Flávia¹; FERREIRA, Rômulo²; SANTOS, Rute³; MAULAZ, Simone⁴
¹ CTA-ZM, flavia@ctazm.org.br; ² UFOP, romulo.marcio@aluno.ufop.edu.br; ³ CTA-ZM, rute@ctazm.org.br; ⁴ CTA-ZM, simone@ctazm.org.br

RESUMO EXPANDIDO TÉCNICO CIENTÍFICO

Eixo Temático: Infâncias e Agroecologia

Resumo: Este trabalho discute aspectos da educação não-formal e como a mesma pode contribuir de forma complementar e efetiva com a educação formal através do ensino de temas abordados pela agroecologia em escolas da Zona da Mata mineira. Objetiva-se discutir e analisar o trabalho de arte-educação socioambiental realizado pelo Projeto Curupira do CTA-ZM em 17 escolas de 3 municípios ao longo dos anos 2022 e 2023. Foi realizada análise de conteúdo do material produzido por crianças de 5 a 12 anos de idade. Concluiu-se que, através da apresentação do conteúdo de forma lúdica, pedagógica e artística, as crianças expressaram em desenhos uma relação de respeito e simpatia com uma imagem de natureza preservada. Seus relatos escritos remetem de forma mais direta e específica aos temas da agroecologia, revelando problemáticas e descontentamentos com seus territórios que não são demonstrados em seus desenhos.

Palavras-chave: escolas; mineração; racismo; território; minas gerais.

Introdução

O Centro de Tecnologias Alternativas da Zona da Mata (CTA-ZM) é uma organização não governamental, sem fins lucrativos, fundada em Viçosa/MG em 1987. Suas ações se desenvolvem no sentido de ampliar o conhecimento e a prática da agroecologia entre agricultores/as familiares e trabalhadores/as rurais, bem como dentre seus familiares, incluindo crianças e adolescentes.

O Projeto Curupira, como parte integrante do Programa de Educação e Agroecologia do CTA-ZM, atua há 17 anos em 27 escolas públicas, localizadas em 5 municípios mineiros (Acaiaca, Araponga, Ervália, Viçosa e Divino). O objetivo do Projeto é popularizar e promover o conhecimento da Agroecologia dentre o público escolar. A apresentação da agroecologia ao público infanto-juvenil é uma proposta de educação não-formal nas escolas, abordada com temas anuais que discutem questões como combate à mineração, alimentação saudável, igualdade de gênero, racismo, agricultura familiar, etc. A sensibilização e abertura para debates de temas da agroecologia se dá de forma lúdica, pedagógica e dialógica, encorajando o envolvimento e protagonismo dos estudantes em questões que perpassam o cotidiano de suas respectivas realidades.



O Projeto Curupira faz uso de metodologias diversificadas a cada ano de acordo com a temática trabalhada dentro da Agroecologia, sempre adotando a arte-educação como princípio operante de suas atividades. O Projeto atende um público estudantil de 3 a 18 anos de idade, e o CTA-ZM tem o apoio da ActionAid, uma organização internacional que trabalha por justiça social, equidade de gênero e étnico-racial, e pelo fim da pobreza. Para trabalhar com essa extensa faixa etária com distintas realidades geográficas e culturais, são feitos estudos através de rodas de conversa, seminários, formações, e após apropriação do tema, a forma de abordá-lo é construída. Música, teatro, brincadeiras, poemas, imagens, e jogos interativos são parte do acervo de atividades já desenvolvidas pelo Projeto, além de uma cartilha impressa que é produzida anualmente servindo como material pedagógico e informacional de apoio nas atividades. Seu conteúdo busca abranger as problemáticas do tema apresentado, a realidade do território onde as escolas estão situadas, os possíveis enfrentamentos existentes, e a Agroecologia como uma aliada no combate às problemáticas apresentadas. Desde a forma de construir as propostas até sua aplicabilidade nas escolas, as atividades do Projeto Curupira se distinguem daquelas comumente apresentadas na educação formal.

Diante dos desafios conhecidos e colocados a respeito da educação formal, e pela forma restrita e delimitada que a arte é apresentada em muitas escolas, pode-se entender a presença de um projeto pontual como contribuinte ou complementar ao modo formal de aprendizagem para crianças? Podemos compreender estas atividades de uma educação não-formal como formativa e formadora de pensamento crítico em crianças de 5 a 12 anos de idade?

Considerando esta problematização, foi feito um recorte temporal nas ações do Projeto Curupira para avaliar suas atividades dentre crianças de 5 a 12 anos de idade, nos anos de 2022 e primeiro semestre de 2023. Este recorte objetivou avaliar a compreensão e sensibilização das crianças por temas da Agroecologia num período recente de retorno pós-pandemia do Projeto Curupira às escolas. A educação pública formal se viu ainda mais fragilizada durante a pandemia, com possibilidades de reinvenções e deslocamentos que possibilitassem o acesso das crianças aos conteúdos do ensino à distância (GUIZZO et al., 2020).

Segundo Trilla (1996), a educação não-formal se popularizou na esfera educacional desde 1967, a partir da Conferência Internacional sobre a crise mundial na educação, que se deu na Virgínia, Estados Unidos. Embora o relatório final do encontro não contemple diretamente o termo, o documento que serviu de base para a conferência já apontava para a necessidade de desenvolvimento de meios educativos que extrapolassem aqueles escolares, ou considerados formais.

Contudo, segundo Garcia (2008), ações de educação não-formal antecedem a década de 60, e muitas experiências podem ser encontradas não somente no Brasil como em outros países. Exemplificando tais propostas, pode-se destacar as diversas obras de Paulo Freire, como as do movimento de alfabetização de adultos, ou diferentes tentativas de educação alternativa proposta por anarquistas no Brasil e



na Europa desde o início do século XX (MORAIS e NADAL, 2017).

Apesar da não consensualidade e desafios quanto à delimitação teórica deste campo de estudo, optou-se aqui pela adoção do conceito de educação não-formal segundo Garcia (2007), ou Afonso (2001). Assim, torna-se relevante mencionar a educação formal como aquela escolar, regida por leis e diretrizes; a educação informal referente a processos de aprendizagem não intencionais que ocorrem em diferentes conjunturas sociais; e finalmente a educação não-formal, que diz respeito às atividades intencionais e sistemáticas de formação, cujo conteúdo é diversificado.

Garcia (2008) considera a educação não-formal no Brasil como um campo ainda em construção, ainda recente em discussões acadêmicas, apoiada em pesquisas de outros países uma vez que aquelas brasileiras são ainda escassas. Contudo, a autora não ignora a presença e prática deste tipo de educação há muito tempo, que pode encontrar-se subsumida devido ao uso de diferentes terminologias tais como educação alternativa, educação complementar, projetos sócio-educativos, jornada ampliada, dentre outros.

A arte, por sua vez, apesar de nem sempre ter seu valor reconhecido como ferramenta educacional e ser mais comumente vista como lazer e objeto de contemplação, tem um grande potencial contributivo ao processo de formação e alfabetização, sobretudo de crianças, por suas possibilidades de expandir as percepções de mundo. A arte na educação infantil foi formalmente inserida no currículo da rede pública e privada de ensino do Brasil desde 1998, contudo a forma como tal atividade se dá, sua frequência e avaliação, são assuntos muito debatidos e criticados por alguns autores (BARBOSA, 1989).

O Projeto Curupira do CTA-ZM se coloca como educação não-formal nas escolas onde atua, e toma a arte-educação como princípio básico de suas atividades, que tratam de temas defendidos pela Agroecologia. A partir das problematizações e desafios da educação formal e do potencial educador da arte como ferramenta educacional, é aqui proposto uma análise das ações do Projeto Curupira do CTA-ZM entre os anos de 2022 e 2023.

Metodologia

As atividades do Projeto Curupira ocorrem nas escolas parceiras ao longo do 1º semestre de cada ano, com visitas agendadas durante o período das aulas formais. As escolas parceiras cujas turmas possuem alunos de 5 a 12 anos de idade localizam-se em ambientes rurais ou periurbanos, situadas em 3 municípios da Zona da Mata mineira: Acaiaca, Araponga e Viçosa. Entre abril e julho de 2022 e abril a junho de 2023, foram feitas 2 visitas a cada escola, tendo sido 6 escolas em

Viçosa, 8 em Araponga, e 3 em Acaiaca. Em 2022, o tema trabalhado nas escolas foi “Água, Mineração e Agroecologia”, e em 2023 o tema é “Combate ao Racismo Ambiental”.



Quando da execução das atividades nas escolas, os estudantes eram agrupados por turmas ou faixa etária, de acordo com o espaço físico disponível para realização do trabalho. O tema sempre é levado para as crianças de forma artística, com uma abertura que inclui apresentações de teatro e música. Em seguida, é estabelecido um diálogo com os estudantes, para que eles possam expressar o que entenderam da apresentação, quais conexões conseguem ou não fazer com suas realidades e de seu território, quais interações podem ser possíveis a partir do que é exposto. Num terceiro momento são propostos jogos e dinâmicas de interação entre os estudantes, e com a cartilha impressa que é distribuída para todos. Uma das atividades desenvolvidas com as crianças é a confecção de um desenho e uma carta, que são enviados ao apoiador do Projeto - a ActionAid - onde as mesmas tem a oportunidade de relatar um pouco do aprendizado trazido naquele dia pelo Projeto Curupira. As atividades foram realizadas com toda a classe escolar, porém as cartas e desenhos foram feitos somente pelas crianças previamente inscritas no Projeto a cada início de ano letivo, através de reunião informativa com os pais ou responsáveis e a escola. O número de escolas e crianças atendidas pelo Projeto é apresentado na Tabela 1 abaixo:

Tabela 1: Número de escolas e crianças atendidas pelo Projeto Curupira, 2022/2023

Município	Nº escolas	Nº total crianças	Nº total inscritos
Acaiaca	3	395	77
Araponga	8	552	169
Viçosa	6	665	38
TOTAL	17	1612	284

Para avaliar a contribuição das atividades não-formais do Projeto na educação formal, algumas destas cartas e desenhos foram analisados, além dos relatos verbalizados pelas crianças. Foi feita uma amostragem das escolas de cada município, para que alguns materiais fossem representativos dos mesmos. Foram analisados 20% dos desenhos de inscritos de cada município, considerando esta uma amostragem aleatória simples desta população. Um total de 55 desenhos (15 de Acaiaca, 33 de Araponga e 7 de Viçosa) foram analisados, assim como os registros das falas das respectivas crianças. As análises foram feitas segundo a metodologia de análise de conteúdo de Bardin (1977). A identidade das escolas e alunos foram omitidas como forma de preservação destes locais e seus estudantes.

Resultados e Discussão

Após análise de 55 desenhos de crianças de 5 a 12 anos de idades, verificou-se que os desenhos comumente representam o ambiente familiar das crianças, o lugar onde vivem ou onde gostariam de viver. O tema apresentado, na maioria das vezes, é representado nos desenhos sob a forma ou interpretação de proteção da natureza, apontando para lugares reais, ideais ou imaginários. Os desenhos demonstram locais compostos por árvores, flores, pequenos animais, água azul, montanhas e uma casa com uma família convencional, constituída por pai, mãe, e filhos. O momento de desenhar revela também um momento de descontração para



as crianças, durante o qual elas se delongam, saem das propostas dos estudos formais da sala de aula, expressam seus sentimentos verbalmente enquanto desenham, e aproveitam um momento que para elas parece ser de descontração ou lazer. Apesar de parecer comum para crianças desenhar, o desenho livre, solicitado a elas a partir de uma temática apresentada de forma artística, as colocam num lugar de diálogo com o que lhes foi apresentado. Neste momento surgem os casos das famílias, as histórias vividas com amigos, o que gostam de fazer, os “personagens” que compõem suas histórias de vida e as relações que permeiam todas estas paisagens (Figuras 1 e 2). Os desenhos comumente são narrados pelas próprias crianças.



Figura 1: Desenho de criança de 7 anos de idade após apresentação do tema “Combate ao Racismo Ambiental” pelo Projeto Curupira.



Figura 2: Desenho de criança de 8 anos de idade após apresentação do tema “Água, Mineração e Agroecologia” pelo Projeto Curupira.

As cartas tratam mais diretamente dos temas apresentados da Agroecologia, relatando algumas conexões entre a temática e a comunidade onde as crianças vivem. A ideia de proteção à natureza aparece igualmente através de frases como “não devemos cortar as árvores”, ou “devemos proteger a natureza”, “não devemos poluir os rios”. Tais frases fazem menção ao tema “Água, Mineração e Agroecologia”. Já nas cartas relacionadas ao tema “Combate ao racismo ambiental”, surgem frases como “o caminhão de lixo não passa perto da minha casa”, “devemos respeitar as pessoas”, “não devemos julgar as pessoas pela cor da pele delas”, “hoje aprendi sobre o racismo ambiental”. A menção direta à Agroecologia é mais comumente encontrada nas cartas escritas que nos desenhos ou narrações das crianças.

Conclusões

A partir dos conteúdos analisados, compreendemos que, ainda que pontualmente, as visitas às escolas e abordagem de temas relacionados à Agroecologia, despertam a atenção das crianças sobretudo pela forma de apresentação artística. A arte se mostrou como uma grande aliada para chamar a atenção das crianças sobre os assuntos tratados, e as envolve em alguma parte do processo de exposição, permitindo que elas expressem de alguma forma o que conseguem apreender durante a presença do Projeto Curupira nas escolas. Percebe-se igualmente o teor de lazer que as artes tomam nestes espaços, como



se não constituíssem uma matéria ou aprendizado formalizado. O formato de educação não-formal do Projeto, apesar de pontual e dos desafios de não manter um vínculo de visitas permanente, se mostrou como potencial a partir da iniciativa de professores que se dispõem a dar sequência em suas aulas às temáticas abordadas, ou a incluir o assunto em suas matérias. Relatar sobre suas experiências pessoais, seus pontos de vista sobre suas comunidades e territórios, serem ouvidas e terem suas vozes valorizadas são alguns dos pontos que demonstram que a arte-educação pode agregar desenvoltura e conexão das crianças ao processo de aprendizagem. Fazendo uso desta abordagem em seus processos educativos, o Projeto Curupira se mostrou como um aporte educacional não-formal contributivo e complementar à educação formal, e que deixa nas crianças lembranças que as permitem associar a presença do Projeto a temáticas socioambientais. Ainda que a palavra Agroecologia apareça para elas por vezes como uma palavra difícil de se pronunciar, ou estranha em seu vocabulário cotidiano, seu significado e práticas são perceptíveis no relato de suas experiências, e seu conteúdo facilmente percebido através de suas falas, desenhos, ações ou desejos.

Agradecimentos

Agradecemos às secretarias de educação dos municípios de atuação do projeto, às escolas parceiras e a ActionAid pela parceria, apoio e confiança na realização deste projeto. Um trabalho que se propõe reconhecer e valorizar as infâncias e a educação, através das metodologias participativas e da arte-educação.

Referências bibliográficas

- AFONSO, A. J. Educação não formal: cenários da criação. Unicamp/CMU, Campinas, p. 29-36, 2001.
- BARBOSA, A. M. Arte-educação no Brasil: realidade hoje e expectativas futuras. Estudos avançados, v. 3, n. 7, p.170-182, 1989.
- BARDIN, L. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70, 1977.
- GARCIA, V. A. O papel da questão social e da educação não formal nas discussões e ações educacionais. Revista de Ciências da Educação, v. 10, p. 65-97, 2008.
- GARCIA, V. A. Palavras-chave em educação não-formal. Holambra, 2007.
- GUIZZO, B. S.; MARCELLO, F. De A.; MULLER, F. A reinvenção do cotidiano em tempos de pandemia. Educação e Pesquisa, v. 46, p. E238077, 2020.
- MORAES, L. A., NADAL, B. G. Educação anarquista: contribuições para a escola e uma educação autêntica. *Revista HISTEDBR On-Line*, 17(4), 1078–1095, 2017.
- TRILLA, J. *La educación fuera de la escuela: ámbitos no formales y educación social*. Barcelona: Ariel, 1996.